

VILÉM FLUSSER

A polaridade oeste:leste marca o campo gravitacional político e social da atualidade. Falamos em "civilização ocidental", e na "sabedoria do Oriente". Mas existe uma polaridade muito mais fundamental e antiga. Uma polaridade, com efeito, que estrutura o nosso pensamento tão basicamente que se tornou já subconsciente. Faz parte da nossa alma. É a polaridade norte:sul à qual me refiro, e ela se torna palpável aqui, no passo de Malcoia. Aqui, entre as geleiras majestosas do maciço rético, entramos em contacto com uma das raízes do nosso ser, e reconquistamos uma visão de nosso eu. Permitam que descreva rapidamente a cena.

Encaramos o norte. À nossa direita as geleiras do Corvatsch. À nossa esquerda os desfiladeiros do passo Julio, cujo nome atesta ainda a passagem dos cesares. Na nossa frente o amplo vale do Engadin com os lagos de Sils e Silvaplana. Florestas majestosas bairam os lagos, e pradarias esmeraldas formam a transição entre florestas e neves. Nas águas límpidas do lago de Sils espelham-se as casas brancas de Sils Maria, onde Nietzsche fez falar Zarathustra. No horizonte adivinhamos os grandes palácios de São Moritz, com seus gigantes de gelo. Encaramos o sul, agora. Um vale profundo, o vale da Engaglia, canaliza o olhar para conduzi-lo até a planície morna e subalpina do lago de Comos, coberta de brumas. A ruína de um castelo gótico domina a entrada para o vale. Uma torrente cristalina concentra sobre si as águas do degelo, e nutre as pradarias cobertas de um tapete de flores que formam os flancos do vale. Entre as pradarias torres romanas, quadradas, cinzentas, sólidas, guardam fiéis de acesso à Roma eterna. E nas curvas da torrente vilas, qual ninhos de águas, cercadas por muralhas neolíticas, e aglomeradas em torno de igrejas romanescas. Esta a visão do passo de Malcoia.

Uma visão do nosso próprio eu? Sim, mas é necessário interpretá-la. As paisagens europeias não podem ser vivenciadas apenas. Não basta sorver-lhes a beleza. Não são apenas natureza. São natureza historicizada. E a história, a cultura, exige conhecimento. As paisagens europeias exigem vivência e conhecimento. Exigem empenho e distância, entusiasmo e ironia. Ensaieemos pois essa atitude ambivalente.

O chão que pisamos aqui, essa barreira alpina que divide a Europa em dois, é um chão pisado, inúmeras vezes, pelos pés dos nossos antepassados. Aqui não é preciso de muita fantasia para imaginá-los. Foi por aqui que passaram os primeiros itálicos em busca da península fértil. Foi aqui que se detiveram os cartagineses de Haníbal, antes da investida frustrada. Daqui contemplaram os godos, os vândalos, os langobardos as brumas sulinas, antes de tornar a Itália, a França do Sul, a Espanha e o Portugal os berços da latindade moderna. Foi por aqui que passaram os santos imperadores em busca da bênção papal e do poder sobre a igreja de Pedro. E foi aqui que retomava a cultura norte-europeia, a germânica e eslava, contacto com a origem mediterrânea, procurando, nas palavras de Goethe, "a terra dos gregos com a alma".

Mas foi também por aqui que passaram os etruscos para conquistar o misterioso norte. Foi por aqui que investiram fenícios e gregos contra as fontes do

VILÉM FLUSSER
 andar. Aqui levantaram-se as estandartes das legiões civilizadoras e pacifi-
 cadoras da República e do Império romano na sua conquista do mundo. Por aqui
 passaram os catequizadores dos pagãos, os primeiros santos da Igreja. E também
 os mercadores helenistas e judeus, espalhadores da forma culta de vida. Por
 aqui subiam rumo ao norte os humanistas da Idade Média tardia, e os primeiros
 artistas e cientistas do Renascimento, para abrir as janelas ao novo sol e ao
 novo vento. E a Reforma, essa grande divisão nordestal que ainda marca tão
 fundo a nossa cultura, passou por aqui, absurdamente, na direção do sul para
 o norte.

Santa a parte visível e facilmente constatável do tráfego no passo de Maloja.
 Visível pelas construções de fortificações e igrejas, e constatável pelas in-
 scrições e pelos monumentos. Mas há uma parte invisível, mas intuitiva em tudo
 e esta se perde nas brumas de um passado impenetrável. Os muros que repartem
 os prados são pedriscos, (ou paleolíticos?), e forma construídos, "in illo
 tempore", pelo povo semi nítico dos rétos? Quem eram? Celtas? De onde vieram?
 Do norte? E as inscrições rupestres nas pedras dos prados, que significam e
 de quando datam? São alfabéticas? São hieroglíficas? E as cenas da caça ao bú-
 falo, e de adoração de cervos, quem as desenhou na pedra? e quando? Há dez
 mil anos? Há cinquenta mil anos? Aqui a pergunta pela origem das obras aqui
 re a significado da pergunta pela origem do Homem.

Mas uma pergunta antepõe-se a todas. Por que passaram por aqui, desde a origem
 da humanidade, os conquistadores rumo ao sul, e os colonizadores rumo ao norte?
 Qual o motivo dessa passagem? Por que é o passo de Maloja um "passo"? Posso
 imaginar múltiplas respostas, óbvias e razoáveis. Respostas econômicas, etno-
 lógicas, culturais e religiosas. Mas a contemplação da cena no passo de Malo-
 ja sugere outra. Ela faz a polaridade norte:sul é uma relação de complementa-
 riedade. O norte não pode existir sem o sul, e o sul sem o norte. O norte
 misterioso, escuro, profundo como as suas florestas, e o sul claro, sorriden-
 te e ordenado como as suas pradarias. O norte é uma contínua busca de clare-
 za, e deve passar por Maloja para alcançá-la. O sul é uma contínua busca de
 significado, e deve passar por Maloja para alcançá-lo. O norte busca os pra-
 dos, e o sul as florestas, e as geleiras terríveis dos Alpes formam uma barre-
 ra terrível. Há, entre elas, um passo estreito. É preciso encontrá-lo, e,
 quando encontrado, é preciso mantê-lo aberto. É o passo de Maloja. Não é
 isto uma visão do nosso próprio Eu?

.....

Floresta Negra, 21/9/66.

Caro amigo Osvaldo Lopes de Brito, aceite isto como primeira colaboração da
 Europa. Espero que sirva. Continuarei escrevendo, e assim poderá o amigo
 julgar como a Europa funciona dentro de um espírito já amplamente brasilei-
 rado. Grato pela sua última carta e pelo recorte da "Ficção" que se foi en-
 viado para Zurique. Meu endereço constante aqui é Consulado Brasileiro,
 Wiedenmayerstrasse 47, 8 München 22, Alemanha.

Cordiais saudações